

Os mármorees portugueses na América latina: exportação e agentes comerciais (1850-1945)

Armando Quintas | Carlos Filipe*

Resumo: O trabalho de estudo sobre exportação dos mármorees portugueses constitui um capítulo significativo no trabalho que nos últimos doze anos, tem vindo a ser desenvolvido sobre esta temática.¹ Faltam estudos de história económica, ou sectoriais, para o período cronológico aqui tratado, que envolva a exportação dos recursos pétreos portugueses para outros continentes, e em particular para América do Sul.

O presente artigo, parte de parcas fontes documentais e estatísticas, com que debatemos, mas com um propósito, dar a conhecer a importância económica que representou a exportação dos recursos pétreos na economia das regiões, onde se extraíam os recursos e o que representava na escala social essa actividade industrial.

No texto que se segue, procuramos evidenciar como a qualidade e a procura destes materiais originou uma dinâmica comercial para a época, bem como contribuir para um melhor conhecimento da posição de Portugal nestas trocas transatlânticas.

1. A evolução do contexto produtivo dos mármorees portugueses

A modernização da actividade dos mármorees, surge já em contexto da 1.ª Guerra Mundial. No entanto, deve-se referir, que é indirectamente subsidiária da evolução industrial que a Europa e Portugal começam a sofrer a partir de meados do século XIX, sem a qual de nada serviria introduzir novas máquinas e ferramentas, dado que por essa altura, os mármorees e a sua exploração se encontravam em decadência profunda.

A segunda metade do século XIX, caracterizou-se pelo triunfo do Liberalismo enquanto sistema político e económico, assumindo o Estado a orientação da indus-

*Cidehus – Universidade de Évora | Centro de Estudos Cechap

¹ Estudo PHIM – *Património e História da Indústria dos Mármorees*: <https://www.marmore-cechap.pt>

trialização. Portugal encerrava assim, um capítulo trágico, dominado pelas invasões francesas e por uma guerra civil, com consequências sociais e económicas de destruição completa de pessoas e bens, com reflexo na organização dos meios produtivos. Urgia então reger o país, na procura de uma industrialização, que desejava importar o que de melhor se fazia na Inglaterra, berço da revolução industrial. É graças ao Ministro das Obras Públicas António Maria Fontes Pereira de Melo (1819-1887), a incorporação de novas políticas governativas, conhecidas como o período de “Regeneração” ou do “Fontismo”, em homenagem ao seu mentor, com resultados positivos, que se fariam sentir até à crise de 1891².

Numa breve síntese, podemos assumir, um primeiro período cronológico, (1850-1918), que se vai caracterizar pela “redescoberta” dos mármore portugueses, provocado por um conjunto de situações e iniciativas ocorridas, de entre as quais destacamos:

- O conhecimento geológico do território e a produção de nova legislação mineira.

Com a criação das comissões geológicas a partir de 1848, é iniciado o estudo do subsolo de forma mais metódica e científica, com a finalidade de conhecer as suas potencialidades económicas. A partir de 1876, surgem as cartas geológicas que serão actualizadas regularmente e que, permitiram, demonstrar à sociedade de então, as riquezas das jazidas do nosso território, passando a informação aos industriais, para investirem os seus capitais, com informações importantes sobre a localização de reservas geológicas.

Na segunda metade do século XIX é criado um novo quadro normativo para regulamentar a indústria extractiva em Portugal, promulgando a Carta de Minas a 25 de Julho de 1850³. Por outro lado, o conjunto de legislação mineira que veio a ser publicada, com particular destaque para a Lei de Minas de 1852⁴ e o Regulamento de Lavra de Pedreiras de 1884 e outras que se seguem⁵, vão permitir, dentro do quadro institucional do Liberalismo, a livre iniciativa privada e a liberdade de novos investimentos.

² Quintas, Armando. “Os mármore do Alentejo em perspectiva histórica: de meados do século XIX a 2020, História e Economia”, (vol. 23), n.º 2. Instituto BBS, 2019, pp. 95-96.

³ Sousa, Carlos Alexandre. “As primeiras tentativas contemporâneas de regulamentação: de 1850 a 1892”. In *Mármore, Património para o Alentejo: Contributos para a sua História (1850-1986)*. Vila Viçosa: Centro de Estudos CECHAP, 2015, pp. 23-43.

⁴ Decreto com força de Lei de 31 de Dezembro de 1852, publicado no Diário do Governo n.º 2 de 3 de Janeiro de 1853. Altera a legislação sobre minas e define as atribuições do Conselho de Obras Públicas e Minas nestes ramos de serviço.

⁵ Decreto de 6 de Março de 1884, publicado no Diário do Governo n.º 57 de 11 de Março de 1884. *Regulamento sobre a lavra de pedreiras*; Portaria de 17 de Agosto de 1889. *Determinando que sejam suspensos os trabalhos de lavra de pedreiras, quando os seus exploradores não prestem à autoridade superior os devidos esclarecimentos*, publicado no Diário do Governo n.º 185 de 20 de Agosto de 1889; Decreto de 13 de Abril de 1892. *Decreto determinando que se observem várias prescrições na concessão da lavra de pedreiras*, publicado no Diário do Governo n.º 94 de 28 de Abril de 1892.

Os mármore portugueses na América latina: exportação e agentes comerciais (1850-1945)

- Os empresários e o investimento na exploração dos mármore.

Entre os quais destacamos particularmente, o empresário Pedro Bartolomeu Déjante (?-1859), marceneiro de origem francesa que vai reabrir uma série de pedreiras na zona de Lisboa e no Alentejo, procurando responder ao mercado através das suas lojas e oficinas de móveis⁶. Segundo, Achille Delesse (1817-1881)⁷, francês, mineralogista, geólogo e engenheiro de minas, escreve no seu relatório sobre os materiais de construção presentes na Exposição Universal de Paris de 1855, que fora Déjante que terá encetado esforços no sentido reativar um grande número de pedreiras em Portugal.

- Transporte: caminhos de ferro.

O grande desenvolvimento que os caminhos de ferro permitem no fluxo de carga e passageiros chega também a Portugal, com a construção de duas linhas no Alentejo, a linha do Leste entre Abrantes e Elvas (1856-1863) e a Linha do Sul e Sueste, do Barreiro a Estremoz (1873) e na última fase a Vila Viçosa (1902-1905), principal zona extractiva dos mármore portugueses, permitindo assim grande melhoria no transporte para o porto marítimo do Barreiro e também de Lisboa.

- As exposições industriais: nacional e universais.

Com a realização de exposições da indústria em território nacional (os mármore surgem na exposição de Lisboa em 1849), conhecendo a sua maior projecção internacional com a participação nas exposições Universais, de Londres em 1851 e de Paris em 1900. Assim os mármore portugueses, vão marcar presença num palco aberto ao comércio internacional e despoletar a curiosidade nos visitantes, entre eles homens da ciência, mas também do comércio e da indústria.

- A organização das pedreiras no maciço de Borba-Estremoz-Vila Viçosa.

Quanto à produção extractiva, desconhecendo-se a sua realidade ou ainda que fosse de reduzida dimensão, representava para o século XIX, um volume apreciável, existindo alguns registos para a sua época.

Entre 1872 e 1890, contavam-se na região, sete pedreiras de mármore em actividade repartidas entre Estremoz e Borba, com uma produção parcialmente avaliada de até 945 toneladas ano, com recurso a poucos operários, não mais de uma

⁶ Bastos, Celina. “A família Déjante: a marcenaria e a indústria dos mármore no Portugal do Oitocentos”. In. *Revista de Artes Decorativas* 3, n.º 3. 2009, pp. 160-165.

⁷ Achille Ernest Oscar Joseph Delesse foi responsável pelo levantamento geológico de uma parte do território francês e pelo estudo hidrológico da zona de Paris, tendo colaborado na edição da *Revue des Progrès de Géologie*, sendo, mais tarde, nomeado inspector-geral de minas de França. Cf. Ana Cardoso de Matos e Armando Quintas. “A afirmação do mármore alentejano em contexto nacional e internacional (do século XVIII a 1945)”. In *Mármore 2 000 anos de História. A evolução industrial, os seus agentes económicos e a aplicação na época contemporânea*. Lisboa: Theya Editores e Centro de Estudos Cechap, 2019, pp. 48-49.

dezena por cada exploração, com vendas destinadas ao país, mas também para importante mercado, a vizinha Espanha⁸.

A parcialidade da informação obtida, pela deficiência das fontes de informação, poderá ser complementada pelos valores brutos de exportação.

Um segundo momento, identifica-se com o incremento industrial, que ocorre a partir de 1918, terminado que foi o primeiro grande conflito mundial, com forte impacto na Europa, mas dada a necessidade de reconstrução, vão afluir capitais às indústrias de base, sendo a da construção civil e dos seus materiais subsidiários uma das mais visadas. A partir desse ano, vão começar-se a estabelecer na zona dos mármore do Alentejo, concelhos de Vila Viçosa, Borba e Estremoz, um grupo de empresas com dimensão e capitais próprios, conhecimento técnico e uso de novos maquinismos que vão provocar até 1945, um impacto transformador desta indústria na região como se poderá verificar no quadro seguinte.

Quadro 1 – Empresas exploradoras dos mármore de Vila Viçosa, Borba e Estremoz (1918-1937)

Denominação	Fundação	Sede	Capital Social (Escudos)
Empresa de Mármore e Cerâmicas de Estremoz e Borba Lda.	1918	Estremoz	195.000
Mármore de Sousa Batista Lda.	1921	Lisboa	170.000
Sociedade dos Mármore de Portugal Lda.	1923	Lisboa	500.000
Sociedade dos Mármore de Vila Viçosa Lda.	1928	Vila Viçosa	310.000
Solubema – Sociedade Luso-Belga de Mármore Lda.	1928	Lisboa	500.000
Companhia Portuguesa de Mármore e Cantarias S.A.	1930	Pêro Pinheiro (Sintra)	n/d
Mármore e Cantarias de Pêro Pinheiro – Estremoz Lda.	1937	Pêro Pinheiro (Sintra)	n/d

Fonte: Matos e Quintas. Arquivo Cechap / Hemagra, 2019⁹

Existiam 23 pedreiras licenciadas entre 1918-1945, 20 das quais, eram exploradas por estas companhias capitalistas, sendo as 3 restantes por empresários de pequena dimensão e a título individual.

Quanto à produção extractiva das pedreiras de mármore, em 1918 são declaradas 196 toneladas todas para exportação, enquanto em 1939 são declaradas 3.259 toneladas, dessas exportadas apenas 804 toneladas¹⁰.

⁸ Quintas, Armando. *Ibidem*, pp. 96-97.

⁹ Quintas, Armando. *Ibidem*, pp. 13-120.

¹⁰ Quintas, Armando. *Ibidem*.

Por último, em relação à tecnologia introduzida nas pedreiras, a qual ainda vai conviver, durante alguns anos com as antigas técnicas de lavra, provindas em grande medida, de antigas técnicas romanas e que assentavam no uso da força braçal do homem, com ajuda de animais e de ferramentas manuais. Assinalamos alguma da tecnologia introduzida:

- O uso do ar comprimido com martelos pneumáticos para perfuração;
- O uso do fio helicoidal para serrar o mármore dentro da pedreira por meio de abrasão;
- O recurso a combustível a diesel e a substituição de mecanismos como guinchos manuais por guinchos motorizados¹¹.

Assinalamos ainda o facto de que, recentes estudos, confirmam, que na década de 1930 as pedreiras do Alentejo se encontravam ao mesmo nível tecnológico de lavra, das pedreiras exploradas na região de Carrara em Itália¹².

2. Os mercados da América do Sul no contexto do comércio internacional dos mármore portugueses

O capítulo da exportação representa em muitos casos a fase final de um processo iniciado na lavra das pedreiras. No caso dos mármore portugueses, irá ser reconhecido e apreciado nos mercados onde chega a nível internacional. Os impactos positivos que referimos anteriormente, vão ser fundamentais para que o mármore possa ser exportado em maiores quantidades e sobretudo a um preço mais elevado, incentivando os contínuos investimentos no território de exploração.

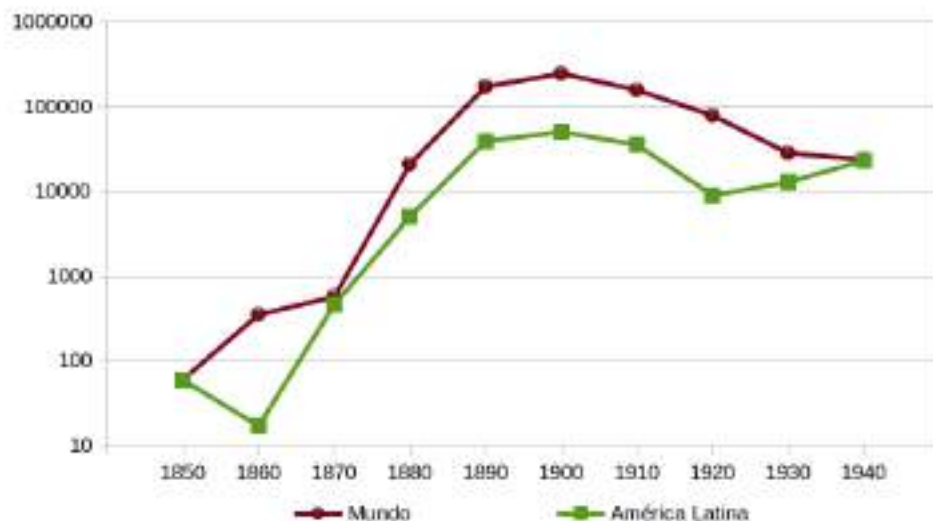
Uma análise às exportações de mármore português no período de 1850-1945, a partir dos gráficos que em seguida se apresentam, permite-nos tecer de imediato algumas considerações gerais sobre este comércio¹³.

¹¹ Quintas, Armando; Cardoso de Matos, Ana. “Objectos técnicos da extracção de mármore”. In *À Descoberta do Ouro Branco, Caderno Patrimonial, Ciência e Mármore* n.º 2, Carlos Filipe (coord.). Vila Viçosa: Centro de Estudos Cechap. 2022, pp. 13-17.

¹² Quintas, Armando; Ramos, Alexandre. “Visual Memories of the Marble Industry: Using Cinema and Photography in Mining Heritage Studies”. *ICON*, (vol. 25), n.º , 2020, pp. 96-109.

¹³ As fontes de informação bem como a metodologia são aquelas já apresentadas em Matos e Quintas, 2019. Na obra já citada e que consistem essencialmente na análise das tabelas de exportações directas publicadas na Imprensa Nacional, convertendo as unidades de peso para toneladas e fazendo a comparação de moeda antiga com a actual sempre que se justifique. Qualquer discrepância na análise estatística, deve ser tomado este artigo como uma actualização dos dados em relação a publicações anteriores.

Gráfico 1 – Exportações de mármore português entre 1850-1945, total vs. América Latina (Por tonelada e por década)



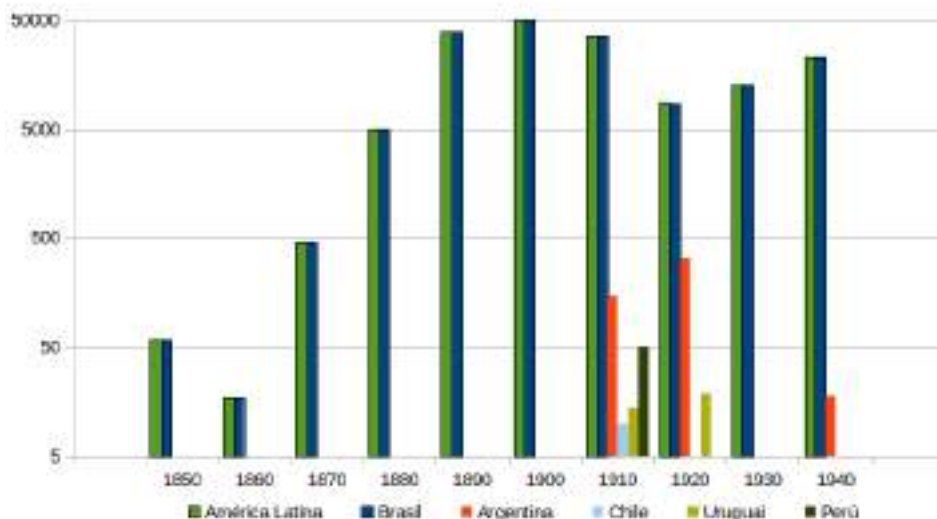
Fonte: Elaboração própria

Nas exportações totais de Portugal para todo o mundo, a tendência é de crescimento até ao início do século XX, começando com 60 toneladas em 1850 e atingindo o máximo de 243.646 toneladas em 1900 para começar a reduzir a partir daí, registando em 1945 apenas 23.492 toneladas

No que respeita à compartimentação dos destinos, a América Latina acompanha a tendência de crescimento. Da análise relativa à primeira década do século XX, começa por ser absorvido quase a totalidade do mármore exportado, com 59 das 60 toneladas vendidas, terminando na década de 1940 por absorver 22.961 das 23.394 toneladas exportadas. Apesar disso, no período compreendido entre 1880-1930 a sua quota de mercado baixa, oscila entre os 10% e os 25% dos mármore importados de Portugal. Por outro lado, verificou-se nesses anos, que as vendas foram destinadas maioritariamente para a Europa e para os Estados Unidos, mercados com especificidade que exigem uma análise própria que não cabe neste artigo.

Se particularizarmos os países da América Latina, observamos no gráfico (2), que o Brasil é sem dúvida o país que mais absorve a totalidade dos nossos mármore na maior parte das décadas analisadas. No entanto, as estatísticas ainda indicam a presença das exportações para outros mercados sul americanos. A Argentina surge-nos pela primeira vez na década de 1880 com apenas 70kg, valor que nem é expressivo no gráfico apresentado, para voltar a surgir na década de 1910 com 147 toneladas; na década 1920 com 324 toneladas e na década 1940 com 18 toneladas.

Gráfico 2 – Exportações de mármore português entre 1850-1945, América Latina
(Por tonelada e por década)



Fonte: Elaboração própria

Por sua vez o Chile, apenas nos surge na década de 1910 com 10 toneladas. O Uruguai com a compra de 10 toneladas na década de 1910 e de 19 toneladas na década de 1920. Por último o Peru, regista uma compra de 3 toneladas na década de 1900, valor também não expressivo no gráfico, aumentando para 50 na década de 1910 e 241 toneladas na década seguinte.

Os dados analisados dizem respeito à exportação por tonelada, mas se analisarmos a exportação por valor, a situação apresenta-se um pouco diferente. Como já referido, no período cronológico de 1880-1930, a quota de mercado da América Latina, oscila entre os 10% e os 25% da tonelagem de mármore importada de Portugal, o seu valor monetário oscila entre os 10% e os 90%, com o Brasil à cabeça. Em vários anos este país chega a ser o maior importador de mármore por valor total das exportações portuguesas¹⁴. Em relação aos restantes países da América Latina, o valor é bastante residual comparado com o Brasil, não atingindo sequer um décimo do valor das importações brasileiras de mármore português.

Já em relação ao tipo de mármore exportado, fazemos notar que as fontes de informação são muito incompletas. Nas décadas de 1850 a 1870, tanto se exportam mármore em bloco, como mármore em obra, não havendo preferências em termos de países, pois eles importam praticamente ambos os tipos de encomenda. No geral, regista-se um maior valor de mármore em bloco do que em encomenda

¹⁴ Anos em que o Brasil vai ser o maior importador de mármore portugueses por valor total de exportação, 1856-1865, 1870, 1872, 1874, 1876-1877, 1883-1885, 1887, 1927-1929, 1932, 1934, 1937, 1939-1945.

em obra. Na década de 1880, as exportações são identificadas como pedras para “cantaria em mármore”. Nas décadas de 1890 à de 1920, apenas se identificam “pedras mármore”. A partir da década de 1930, começam-se a distinguir as encomendas em “blocos” e ou “mármore serrados”, com os países a importarem ambos, valorizando mais o rendimento do mármore serrado por unidade que o mármore em bloco.

Em relação à evolução do mercado da América Latina, podemos conjecturar, que a grande predominância de encomendas do Brasil se deveu às relações históricas com Portugal, por ter sido uma antiga colónia, com uma boa rede de contactos entre países, e pelo facto de se encontrar na costa atlântica e tornar mais fácil o acesso por navegação directa.

Já com os restantes países identificados, é de lembrar, que foram antigas colónias de Espanha, sendo possível a influencia na sua relação comercial, exportando para esses mercados os seus mármore em grande quantidade, assunto, no entanto, que carece de uma outra investigação.

Quanto aos períodos de crise, eles existiram e fizeram-se sentir nas transações deste tipo de comércio. A transição para o século XX, é para o Brasil particularmente difícil pela crise económica despoletada a partir de 1890. Também os períodos entre 1914-1918 e 1939-1945, correspondentes às duas grandes guerras, fez-se sentir nas relações do comércio com a redução global das vendas e das exportações. Contudo, durante o período da II Guerra Mundial, o sector exportador dos mármore portugueses sobrevive, devido a um aumento das compras efectuadas pelo Brasil, mercado que incorpora com maior valor monetário.

3. Oportunidade no mercado da América do Sul na primeira metade do século XX: algumas hipóteses.

No decorrer da segunda metade do século XIX, Portugal sentiu o impacto, provado pelas crises da economia internacional e da economia brasileira, de tal forma, que se segundo Maria Eugénia Mata, as mesmas «se reflectiram de modo significativo e negativo na conjuntura económica portuguesa»¹⁵. A situação económica agrava-se com a Inglaterra então principal parceiro comercial e credor do estado português. Na mesma situação se vai chegar aos finais de 1890 com o Estado português, que acusava sérias dificuldades com o défice orçamental a agravar-se: «para honrar os encargos da dívida e socorrer alguns bancos e companhias ferroviárias e coloniais que andavam à beira da falência»¹⁶.

É neste quadro económico e financeiro vivido nesse período em Portugal, se deve a influência da crise brasileira, com a quebra das remessas dos emigrantes do Brasil entre 1889 e 1891, provocando um efeito contraproducente e demorado.

¹⁵ Mata, Maria Eugénia. *As finanças públicas portuguesas da Regeneração à Primeira Guerra Mundial*. Lisboa: Banco de Portugal, 1992, pp. 274-275.

¹⁶ Ramos, Rui. «A Crise». In *Portugal Contemporâneo*, António Reis (dir.). Lisboa: Publicações Alfa, 1990, p. 166.

Os mármore portugueses na América latina: exportação e agentes comerciais (1850-1945)

Análises em vários estudos, sobre as relações comerciais Portugal-Brasil, permitiu comprovar que o Brasil surge como principal comprador de produtos portugueses em 1893 e 1896, comparativamente a outros países¹⁷. A coincidência das quebras registadas nas transacções comerciais no mesmo período, com acontecimentos políticos internos no Brasil e as tensões político-diplomáticas luso-brasileiras verificadas, atingiram o seu auge entre 1893-1894.

Discute-se entre comerciantes, industriais e alguns políticos nacionais, a urgência de uma maior abertura nas relações económicas, ultrapassando um certo isolamento que nos produtos com que estavam confrontados, expressando a necessidade da assinatura de novos tratados com o governo brasileiro. Entre divergências de opinião, a Associação Industrial Portuense, manifestava uma clara posição à assinatura de novos tratados: «Brasil é a única nação, apesar de grande, com a qual nos conviria celebrar um tratado de comércio»¹⁸.

Restabelecidas as relações diplomáticas entre Portugal e Brasil, após a eleição do novo Presidente da República e reconhecido o novo regime brasileiro pelo governo português, foi nomeado a 21 de Julho de 1891 o Ministro Plenipotenciário Fernando Matoso dos Santos (1849-1921), natural de Campo Maior, que conduziu as negociações de um novo *Tratado de Comércio e Navegação entre Portugal e Brasil*¹⁹.

Com o acordo assumido entre os dois governos, as exportações de vinhos portugueses passavam a dispor de condições especiais, evitando dessa forma a ameaça da concorrência de outros países. Um outro grupo de produtos portugueses, estavam igualmente protegidos, de entre os quais os mármore, pedras, produtos cerâmicos, azulejo, bustos, estátuas, cal em pedra ou em pó²⁰.

Embora assinado o Tratado, ele não foi implementado, por divergências assumidas por interesses internos de cada país a influenciar os seus poderes políticos, para que fosse estabelecida uma nova versão, evitando comprometer outros interesses, nomeadamente os dos comerciantes de São Paulo, estes mais atentos às vantagens dos produtos similares importados da Itália.

No final do século XIX e o primeiro quartel do século XX, foi um período de afastamento entre os dois países, com dificuldade no relacionamento, por vicissitudes associadas a questões políticas internas. Durante o período de governos da 1.ª República em Portugal esse relacionamento vai ser relegado para segundo plano,

¹⁷ Ribeiro, Maria Manuel Tavares. “Vivências das Crises. Vencer a Crise”. In *Tratados do Atlântico Sul. Portugal-Brasil, 1825-2000*. Coleção Biblioteca Diplomática do MNE – Série A. Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros, 2006, p. 150.

¹⁸ Ribeiro, Maria Manuel Tavares, *op. cit.*, p. 151. A autora cita: *Relatório dos actos da Direcção da Associação Industrial Portuense no período decorrido desde 1 de Julho de 1891 a 1 de Agosto de 1892*. Porto: Imprensa Civilização, 1892, p. 24.

¹⁹ Ribeiro, Maria Manuel Tavares. *Op. cit.*, p. 154. A autora cita fonte sobre o tratado: *Arquivo da Legação de Portugal no Rio de Janeiro*, Março, 29, *Tratado do Comércio*.

²⁰ Ribeiro, Maria Manuel Tavares. *Op. cit.*, p. 155. A autora cita: Pauta B do *Tratado de Comércio e Navegação entre Portugal e Brasil*, assinado no Rio de Janeiro a 14 de Janeiro de 1892. AHMNE, Caixas de Tratados entre Portugal e Brasil. C/1/Março 12.

uma vez que as questões governativas estavam concentradas na tentativa de resoluções dos problemas encontrados.

Assiste-se a um diálogo bilateral retórico sem capacidade de concretização de acordos, apesar de sucessivos eventos, mantendo o interesse de elos luso-brasileiros, ao mais auto nível, com as visitas recíprocas dos Presidentes do Brasil Epitácio Pessoa (1919) e de Portugal, António José de Almeida (1922)²¹.

Embora não haja estudos dirigidos ao perfil dos nossos comerciantes portugueses dedicados ao negócio da importação e exportação de rochas ornamentais e mobiliário, vamos encontrar uma rede instalada no Brasil nas principais cidades. Desconhecemos, mas admitimos, ter existido, uma relação com o fluxo de imigração de Portugal para a Europa e também para o Brasil.

Nessa dimensão, paralela às questões políticas entre estados, devem ser enquadrados os fluxos temporais originados pela imigração portuguesa, italiana e japonesa na procura de uma oportunidade social e económica. Sobre estas duas últimas comunidades, têm sido amplamente estudado o fenómeno da imigração nos seus países.

Sobre o fenómeno de imigração de portugueses para o Brasil, desde o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, três fatores devem ser tidos em conta: a crise vinícola do norte de Portugal, com o aumento da proletarianização pela divisão da terra por força de nova lei sucessória e a criação de um minifúndio; a abolição da escravidão no Brasil, onde as maiores cidades brasileiras vão oferecer salários superiores aos praticados em Portugal; e uma nova política implantada pela república brasileira instalada em 1889²².

A escolha dos portugueses, devem-se sobretudo pelas características de aproximação, idioma e religião, comum aos dois povos. A província de São Paulo criou um programa para a imigração em 1887, com ofertas de facilidades e oferta de serviços públicos ao imigrante, que se estenderam até 1920, cumprindo alguns critérios como a idade, sexo, estrutura familiar e ocupação²³.

Verificou-se no primeiro quartel do XX a chegada de agricultores e operários agrícolas, seguidos proprietários do sector terciário (comércio, alfaiates, barbeiros e outras profissões de oficiais). Do sector secundário, operários e profissionais liberais ou artistas constituíam um reduzido número²⁴. A instalação dos portugueses nas primeiras décadas do século XX, era dirigida à participação de negócios, como

²¹ Santos, Paula Marques. “As Relações Portugal-Brasil na primeira metade do século XX (1910-1945)”. In *História de Portugal*, (vol. 6) José Hermano Saraiva (dir.). Lisboa: Publicações Alfa. 1985, pp. 135-165.

²² Lobo, Eulalia Maria Lahmeyer. *Imigração portuguesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2001.

²³ Matos, Maria Izilda Santos de. “Imigração portuguesa em São Paulo: perspectivas e possibilidades de investigação”. In *A emigração portuguesa para o Brasil*. (F. de Sousa; I de L. Martins; C. M. Pereira (orgs.)) Porto: CEPESE / Afrontamento, 2007, pp. 291-304.

²⁴ Serrão, Joel. *A emigração portuguesa: sondagem históricas*. (4.^a ed.). Lisboa: Livros Horizonte, 1982. Grangeia, Mario Luís. *Memórias e Direitos na Imigração Portuguesa no Brasil do Século XX*. História (v. 36 e16). São Paulo, 2017, pp. 1-20. <https://www.scielo.br/j/his/a/wMS35K-tkTj6YtxJwb7DP6fB/?format=pdf&lang=pt>

bancos, comércio e indústria. Após a proclamação da República em Portugal, o Estado brasileiro abriu os portos ao acesso livre, apenas com algumas restrições a africanos e asiáticos. No final da década 1920 a comunidade portuguesa era maior, ultrapassando mais de trezentos mil, bem acima das comunidades vindas de Espanha, Itália, Alemanha, Japão, sendo a sua esmagadora maioria de nacionais instalados no estado de São Paulo, Distrito Federal, Minas Gerais e Pará²⁵.

4. Os agentes comerciais portugueses no alvor do século XX.

As sucessivas campanhas de promoção dos nossos recursos pétreos portugueses ao longo de anos, nas diversas exposições internacionais, foram essenciais, para que existisse uma procura pelos mercados, onde o Brasil se destacava através da presença de publicistas, que davam a conhecer a qualidade dos mármore provenientes das “inesgotáveis” pedreiras da vila de Estremoz²⁶.

O aumento da exploração dos calcários portugueses disponíveis, em abundância de reservas, a dimensão dos blocos alcançados e a sua grande homogeneidade textual e cromática, permitiram a oferta desse recurso ornamental de boa qualidade a preços favoráveis, pelo que, na segunda metade do século XIX em diante, estes recursos são reclamados pelos principais mercados da Europa e da América.

Como já se disse, estamos longe de dispor de uma historiografia, conhecida, sobre a participação de empresários nacionais no comércio das rochas ornamentais no mercado internacional. Certo será, a existência de uma relação de portugueses com o Brasil, pela proximidade da língua, por circunstâncias políticas, sociais e económicas, que terão levado centenas de milhares de portugueses à procura do “el dourado” aos países da América do Sul. Não é de excluir, que entre o fenómeno da imigração de nacionais, se tenham juntado os comerciantes e artífices dedicados à arte da cantaria, na procura de uma oportunidade para a sua vida. Poderá existir uma relação entre a procura e a oferta, num período de desenvolvimento e expansão urbana das cidades no Brasil, onde a mão de obra qualificada vai ser necessária, para assegurar o conhecimento sobre materiais na qualidade ornamental da arquitetura. Os mármore italianos, eram amplamente conhecidos nos países da América, consolidavam a sua procura nos finais do século XIX, com uma presença significativa de comerciantes italianos estabelecidos nas principais cidades, através do comércio, que garantia por essa via as exportações de Itália para o Brasil.

²⁵ Lobo, Eulalia Maria Lahmeyer. *Op. cit.*

²⁶ *Almanach Luzo-Brazileiro para o Ano de 1863*. Dirigido por Alexandre Magno de Castilho e António Xavier Rodrigues Cordeiro. Lisboa: Typographia da Sociedade Typografica Franco-Portuguesa, 1863, p. 325. Cf. Cardoso de Matos, Ana e Quintas, Armando. “A afirmação do mármore alentejano em contexto nacional e internacional (do século XVIII a 1945)”, *idem*, pp. 70-71.

O mesmo irá acontecer com o mercado português, que procura intensificar essa oferta em vários países daquele continente, com destaque para o país irmão.

Da coleção de documentos que identificámos com o título: «Viagem de Manuel Filipe ao Brasil, Uruguai e Argentina como promotor de vendas da Empresa “Souza Baptista” (1928-1929)», que nos chegaram, generosamente por um familiar de Manuel Filipe, fazem parte do fundo documental do estudo – *Património e História da Indústria dos Mármore*s²⁷. [Fig. 1]²⁸. Pouco conhecemos até ao momento, sobre a atividade comercial de Manuel Filipe, uma vez, que estamos perante fontes indiretas, que necessitam de um aprofundamento do seu percurso profissional [Fig. 02]. Da documentação recebida, destacamos uma correspondência pessoal manuscrita; um conjunto de cartões de visita, com a identificação de nomes de empresas, comerciantes, moradas e países; tabelas com indicação dos recursos pétreos portugueses; encomendas com medidas, pesos e valores; uma amostra de calcário lioz, que nos leva a concluir a existência de um mercado estabelecido e de uma rede de contactos activa, com muito interesse para a cronologia do estudo em causa. [Fig. 3, 4, 5 e 6].

A empresa “Souza Baptista” estava instalada na região de Lisboa, com exploração de pedreiras numa propriedade denominada “Pedra Furada” na freguesia de Almargem do Bispo, concelho de Sintra²⁹. O empresário Sousa Baptista, detinha ainda uma fábrica em Lisboa, exclusiva para a produção de móveis em madeira com a incorporação de mármore levados de Vila Viçosa, Borba e Estremoz, produção que se destinava à exportação para o mercado brasileiro.

Também vamos encontrar António Soares de Sousa Baptista, em 1930, com exploração de uma pedreira na Herdade da Lagoa, freguesia de Pardais, concelho de Vila Viçosa³⁰.

Como se pode depreender, a exportação é um dos principais objetivos de algumas empresas portuguesas, entre elas, destacamos a empresa “Souza Baptista” com sede na capital na Praça do Município, que reclamava dispor das melhores jazidas do país, publicitando para o mercado: “Grande exportação de mármore portugueses em blocos e serrados”³¹. Em sua representação encontrava-se Alfredo dos Anjos, como viajante internacional, representante de diversas firmas, propagandista comercial, com experiência de negócios internacionais na Europa e Amé-

²⁷ Estudo em progresso, desenvolvido por uma equipa de investigadores multidisciplinar desde 2012 no Centro de Estudos Cechap.

²⁸ Na imagem em cima um motorista; no centro esquerdo, um empresário de nome desconhecido; no lado direito atrás o comerciante Alfredo dos Anjos e mais abaixo o comerciante Manuel Filipe. Desconhece-se o lugar onde foi tirada a fotografia, talvez na Baía no lugar de Nossa Senhora da Lapa.

²⁹ Boletim da Direcção Geral da Indústria, volume I, n.º 37, 1938-05-25, p. 536. <https://www.marmore-cechap.pt/data/5051/Sousa%2520Baptista>

³⁰ Direcção Regional da Economia do Alentejo. *Registo do Trabalho Nacional (RTN), cancelados*. Lv. 3, registo 03660, 1930-08-20. <https://www.marmore-cechap.pt/data/3501/Sousa%2520Baptista>

³¹ Souza Baptista. *Grande Exportação de Mármore Portuguezes*. Descrição.

rica do Sul. Dispunha de escritório no Rio de Janeiro e agências em todos os Estados do Brasil com vendas nas cidades de Santos no Brasil, Montevideu no Uruguai e Buenos Aires na Argentina.

Entre alguns contactos na região, destacamos o escritor Emídio Amaro, que terá mantido contactos com Alfredo dos Anjos em Vila Viçosa ou em Lisboa, como se pode depreender as suas palavras escritas em artigo publicado: “Conversando há tempo, com o viajante internacional sr. Alfredo dos Anjos, um técnico competentíssimo que há 30 anos negocia em mármore nos melhores mercados universais e a quem devemos algumas informações amáveis...”³².

Sobre Manuel Filipe, como se pode verificar, foi um percursor dedicado ao comércio externo das rochas ornamentais portuguesas, tendo sido um dos fundadores da empresa de mármore “Marmetal” empresa com atividade na exploração de pedreiras na região de Borba, Estremoz e Vila Viçosa, desconhecendo nós até esta data, outras informações relevantes para um estudo biográfico completo.

Para identificação destes circuitos comerciais, destacamos, de entre os documentos recebidos por doação³³, os contactos através de “cartões de visita” das empresas sediadas nos países da América do Sul com os seguintes contactos:

- *Agustin Sivori e Hijos* / Introdutores de mármore / y Gran Marmolería Mecánica / Buenos Aires [Argentina] / Honduras.
- *Alfredo dos Anjos* / Representante Comercial de diversas Firmas / Em Grandes Viajens Interestadoais e Internacionais / Lisboa / Rio de Janeiro [Portugal e Brasil].
- *Carmelo Di Giorgio* / Mármore / Especialidad em Trabajos de Obras / Azcuénaga [Buenos Aires – Argentina] / 1930.
- *Casa Paoletta* / Taller de Marmolería y Lapidaria / San Isidro [Santiago de Chile].
- *Casa Aloys* / Oficina de Mármore / de J. Aloys Friederichs / Porto Alegre [Brasil].
- *Castelpoggi Hnos* / Mermolería / Decoracion y obras / Pavón / Buenos Aires [Argentina].
- *Cesar Rossi y Hno.* / Antigua Marmolería / Y Lapidaria / “SUIZA” / Buenos Aires / Córdoba [Argentina].
- *Giovanni Rovida & C.ia L.tda* / S. Paulo [Brasil].
- *José Floriani Filho* / Porto Alegre [Brasil].
- *João Leite* / Leite e Nogueira / Porto [Portugal].
- *José Soares de Carvalho* [??].

³² Amaro, Emídio. *Riquezas do Alentejo. A exploração dos mármore em Vila Viçosa. Abundância e valor dos mármore – Seu aproveitamento no passado – A exploração de pedreiras na actualidade – Serrão e oficinas de canteiro – A Sociedade dos Mármore de Vila Viçosa – O que poderá ser, no futuro, esta grande riqueza.* Vila Viçosa: Revista Portuguesa, 1928.

³³ Agradecemos a José Manuel C. Pombeiro Filipe, neto de Manuel Filipe a doação do conjunto de documentos.

- *João Rodrigues / da firma / Rodrigues & Cia / Constructores* [??].
- *Mármoles Granitos / Laviere Vitacca e Hijos / Montevideo* [Uruguai].
- *Marmoleria Francesa / José Lux / Buenos Aires* [Argentina].
- *Marmoraria Nunes / Luiz Nunes & Cia / São Paulo* [Brasil].
- *Marmoleria / Massarelli Hnos. / Rosario* [Santa Fe – Argentina].
- *Rogelio Ferrari / Constructor Técnico / Tiunvirato / Buenos Aires* [Argentina].
- *Manoel Felipe / (Jerente das Pedreiras de mármores / de Souza Baptista) / Lisboa* [Portugal].
- *Marmoraria Carrara / Nicodemo Roselli & C.ia / São Paulo / Santos* [Brasil].
- *Officina de Marmores / Ramos & Dinis / Rio de Janeiro* [Brasil].
- *Imprensa / “Rosgal” / de / RHilario Rosillo / Montevideo* [Uruguai].
- *Serraria e Officina de Marmores / Souza & Guimarães / Rio de Janeiro* [Brasil].
- *Serraria de Marmores/ e / Esportação / Souza Baptista/ Lisboa* [Portugal].
- *La Artística” / Marmoleria Y Lapidaria / Santiago Baccarelli / Buenos Aires* [Argentina].
- *Talleres Eléctricos / de / José Migliasso y hino / Vicente Lopez / Azcuénaga / Buenos Aires* [Argentina].
- *Talller de Marmolería / Erminio Celsi / Rio de Janeiro / Buenos Aires* [Brasil e Argentina].
- *Taller Benedetti Hnos / Montevideo* [Uruguai].

Os cartões de visita apresentados, permitem-nos identificar 27 agentes comerciais entre Portugal e a América Latina. Confirma-se desta forma, a existência de uma rede de agentes dispersos, além de Portugal, pelo Brasil, Argentina, Chile, Honduras, Uruguai, não se conhecendo as datas em que foram estabelecidos os contactos, apenas conjecturando entre os anos de 1915 a 1930.

Para além deste espólio, consultamos ainda imprensa no Brasil, tendo sido identificado um conjunto de anúncios publicitários:

- *Marcineria de Gavazza & Irmão / Pedras Marmores para commodas, consolos, toilet, lavatorios de todas as cores e tamanhos / Junto à igreja do Corpo Santo / Bahia / 1860*³⁴.
- *Marmoraria Central / de Conti, Valenti & C. / Rua da Boa Vista 62 / S. Paulo / 1888*³⁵. [Fig. 07].
- *Gesteira & Meira / Grande depósito de mármores de todas as qualidades, oficina de escultura em mármores / Rua da Ajuda 23 / Rio de Janeiro / 1873*³⁶.

³⁴ Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Bahia, para o ano de 1860. Tomo I. Bahia: Typographia de Camilo de Lellis Masson & Ca, 1860, p. 415.

³⁵ Almanach Administrativo, Comercial e Industrial da Província de S. Paulo, para o ano de 1888. S. Paulo: Jorge Sckler & Comp., 1888, p. 48.

³⁶ Almanak Laemmert, Administrativo, Mercantil e Industrial para a província do Rio de Janeiro, para o ano de 1873. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1873, p. 53.

**Os mármore portugueses na América latina: exportação e agentes comerciais
(1850-1945)**

- *A Corôa de Louro / de Blas Crespo Garcia, Succ. De José Benito Garcia / Estabelecimento de Obras de Mármore / Mármore de Carrara, Mármore de Lisboa, etc. / Rua da Ajuda 35 / Rio de Janeiro / 1873*³⁷. [Fig. 08].
- *Ricardo Graça & C. / Depósitos de Cimento, Ladrinhos [...] mosaicos e de mármore [...] / Rua de S. José, 60 e 61 / Rio de Janeiro / 1873*³⁸.
- *Achille Bernardssay / Armazém e loja de Mármore / Praia de S. Cristóvão 67k / Rio de Janeiro / 1873*³⁹.
- *Antônio Joaquim de Sousa Braga / Armazém e loja de Mármore / Rua do General Polydoro 36A / Rio de Janeiro / 1873.*
- *David Rina / Armazém e loja de Mármore / Praça do General Osório 73 / Rio de Janeiro / 1873.*
- *Delpino & C. / Armazém e loja de Mármore / Rua do Rosário 136 / Rio de Janeiro / 1873*
- *Giovanne Pierroni / Armazém e loja de Mármore / Rua do General Polydoro 40 / Rio de Janeiro / 1873.*
- *José Bolgiano / Armazém e loja de Mármore / Rua da Ajuda 31 / Rio de Janeiro / 1873*
- *José Baptizt Buzzi / Armazém e loja de Mármore / Praça da Glória, 40 e 41 / Rio de Janeiro, 1873.*
- *João Manoel Pomar / Armazém e loja de Mármore / Rua da Ajuda 37 / Rio de Janeiro, 1873.*
- *José baptista Saroldi / Armazém e loja de Mármore / Rua da Ajuda 21 / Rio de Janeiro / 1873.*
- *José Berna / Estabelecimento de mármore de todas as qualidades e escultor de ornatos / Rua da Ajuda 47 e 51 / Rio de Janeiro / 1873.*
- *Luiz Rossi / Armazém e loja de Mármore / Rua da Quitanda 54 / Rio de Janeiro / 1873*
- *Paulino Luiz Savalde / Armazém e loja de Mármore / Rua da Ajuda 19 / Rio de Janeiro / 1873.*
- *Antigo e imperial estabelecimento de mármore de Carrara / Rua da Ajuda 25 / Rio de Janeiro / 1873.*
- *Joaquim Pereira da Motta / Grande oficina de mármore (fundada em 1861) / executa todo o tipo de obras em mármore, sepulturas, mausoléus, pias, salas de jantar / Rua de S. Pedro 181 / Rio de Janeiro / 1891*⁴⁰. [Fig. 09].
- *Manoel Duarte de Avellar, succ. De Rocha & Avellar / Marmorista e importado, correspondente das principais casas na Europa, proprietário do maior depósito de mármore no Brasil, especialidade de pedras para sepulturas e*

³⁷ *Ibidem*, p. 54.

³⁸ *Ibidem*, p. 55.

³⁹ Este estabelecimento e os seguintes de 1873, também se encontram referidos na mesma fonte do Almanak Laemmert para esse ano, na página 669.

⁴⁰ Almanak Laemmert. *Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, para o ano de 1891*: Rio de Janeiro, Companhia Typographica do Brazil, 1891, p. 7748

- mobílias / Travessa Dias da Costa 8 e Rua dos Andradas 41 / Rio de Janeiro / 1891⁴¹.
- *Mármore Ciosia Moneda* / Rua da Ajuda 16 / Rio de Janeiro / 1891⁴².
 - *Manoel Antônio da Cunha & C.* / Armazém de mármore em bruto e oficina de mármore de Carrara / Especialidade em mausoléus, estátuas, pias, mobílias / Rua da Carioca 134 / Rio de Janeiro / 1891⁴³.
 - *Manoel de Oliveira Campos & C., succ. De João Gonçalves da Silva* / Grande oficina de trabalhos em mármore, grande sortimento de mármore de todas as qualidades e de trabalhos nacionais e estrangeiros / Rua da Ajuda 14 / Rio de Janeiro / 1891⁴⁴.
 - *Francisco Roberto Pimenta* / Oficina de mármore, trabalhos de ornatos, monumentos, lápides / Praia de S. Cristóvão, 157 / Rio de Janeiro / 1891⁴⁵.
 - *A.P. de Almeida & Malheiros* [em liquidação] / Oficina de mármore, com especialidade em mausoléus, anjos, vasos de mármore, mármore de Itália, Bélgica e Lisboa / Rua da Quitanda 41 e 44 / Rio de Janeiro / 1891⁴⁶. [Fig. 10].
 - *Companhia de Mármore e Ladrinhos*, sucess. Das antigas firmas A.P. de Almeida 6 Malheiros, Emanuele Cresta & C. e outras / Rua da Quintanda 41 e 44, Rua da Ajuda 33, 18 e 35, Rua Fresca 14 / Rio de Janeiro / 1891⁴⁷.
 - *Domingos Ferreira Mano* / Marmorista e negociante de mármore em bruto / Praia de S. Cristóvão 10 / Rio de Janeiro / 1891⁴⁸.
 - João Manoel Pomar / Marmorista e negociante de mármore em bruto / Rua da Ajuda 39 / Rio de Janeiro / 1891.
 - *José Rodrigues Moreira & C.* / Marmorista e negociante de mármore em bruto / Rua Senador Dantas 10 / Rio de Janeiro / 1891.
 - *José Vicente da Costa* / Marmorista e negociante de mármore em bruto / Rua 7 de Setembro 189 / Rio de Janeiro / 1891.
 - *Luiz Alves Soutello*, Marmorista e negociante de mármore em bruto / Rua General Polydoro 102 e 108 / Rio de Janeiro / 1891.
 - *Luiz Rossi* / Marmorista e negociante de mármore em bruto / Rua Quitanda 48 / Rio de Janeiro / 1891.
 - *João Gonçalves da Silva* / Marmorista e negociante de mármore em bruto / Rua da Ajuda 14 / Rio de Janeiro / 1891.
 - *Paulino Luiz Saroldi* / Marmorista e negociante de mármore em bruto / Rua da Ajuda 6 / Rio de Janeiro / 1891.

⁴¹ *Ibidem*, p. 1953.

⁴² *Ibidem*, p. 1954.

⁴³ *Ibidem*, p. 1999.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 2034.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 2061.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 2073.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 748.

⁴⁸ Este estabelecimento e os seguintes de 1891, também se encontram referidos na mesma fonte do Almanak Laemmert para esse ano, na página 836.

Os mármore portugueses na América latina: exportação e agentes comerciais (1850-1945)

- *Viúva Berna* / Marmorista e negociante de mármore em bruto / Rua da Ajuda 19 / Rio de Janeiro / 1891.
- *Antonio Alves Barbosa* / Oficina de Marmorista, A mais antiga desta capital / Rua da Ajuda 37 / Rio de Janeiro / 1903⁴⁹. [Fig. 11].
- *José Vicente da Costa* / Depósito e Oficina de Mármore, Nacionais, Lisboa e Carrara, Casa fundada em 1850 / Rua Sete de Setembro, 183 e 189 / Rio de Janeiro / 1922⁵⁰. [Fig. 12].

Fazendo uma apreciação destes agentes comerciais, podemos constatar que os anos de 1873 e 1891, separados por quase duas décadas, revelam uma dimensão do que seria o comércio de mármore nas cidades mais importantes do Brasil. Destaca-se a cidade do Rio de Janeiro que durante o período analisado era a capital daquele país, primeiro como capital do Império e depois como capital da República. Em 1873 registam-se 16 lugares de produção, venda e depósito de mármore, em 1891 ascendem a 18 pontos, ainda que alguns seriam depois integrados em negócios maiores. Também se verifica alguma concentração geográfica urbana, com a Rua da Ajuda a deter metade dos locais em 1873, ou seja, estas oficinas e lojas eram muito próximas umas das outras. Também se mantêm oito lugares de mármore para o período de 1891 na mesma rua. Em termos de permanências, verificamos que o estabelecimento de João Manoel Pomar, o da família Saroldi e do da família Berna, todos eles na Rua da Ajuda ainda se mantêm no final do século, bem como o de Luiz Rossi na Rua da Quitanda. Fazemos notar ainda, que a Companhia de Mármore e Ladrilhos acaba por absorver os estabelecimentos de A.P. de Almeida Malheiros, de Emanuele Cresta e de Blas Crespo Garcia.

Por último, uma leitura do catálogo⁵¹ da *Société Anonyme de Merbes – Sprimont*, sociedade internacional de exploração de mármore, surgida em 1921 e representada em Portugal através da sua filial – Sociedade Luso Belga de Mármore em 1928⁵², com os seguintes agentes comerciais para a América Latina:

- Argentina e Uruguai – Hermanos Grigio – Buenos Aires.
- Brasil – Edmundo de Leers – Rio de Janeiro.
- Costa Rica, Guatemala e El Salvador – Adrien Delprée – Cidade de Guatemala.

⁴⁹ Almanach Ilustrado do Brasil. *Portugal para o ano de 1903*, Lisboa: Redacção do Brasil – Portugal, 1903, p. 58

⁵⁰ Anuário Commercial Industrial, Agrícola, Profissional e Administrativa da República dos Estados Unidos do Brasil, ano 1922-1923. Rio de Janeiro: Oficinas Typographicas do Almanak Laemmert, 1992, vol. 1, p. 388.

⁵¹ *Société Anonyme Merbes – Sprimont, Bruxelles*, J. Rozez, 1928, p. 64

⁵² Cardoso de Matos, Ana e Quintas, Armando. *Op. cit.* 2019.

Notas finais

Lidar com uma diversidade de fontes indirectas, cruzando-as continuamente, é estabelecer com elas possíveis relações dialógicas. Travar esse diálogo, com o que propositadamente se ausenta das fontes, formulando hipóteses e problematizações é primordial, cabendo examinar exaustivamente essa documentação. No caso concreto, não podemos assumir, que a documentação agora divulgada, nos possa garantir todo o nosso ponto de partida, isto é, comprovadamente todo o resultado do nosso trabalho.

Tal como foi anteriormente admitido, estamos perante a falta de um trabalho sistematizado, envolvendo biografias que nos leve ao conhecimento para a construção de uma historiografia sobre redes de mercados, empresas e empresários portugueses, que se movimentaram desde a segunda metade do século XIX até à década de 1940, nos mercados externos das rochas ornamentais. Será necessário consultar alguns fundos documentais de arquivos públicos, que não têm estado ao serviço da investigação e que podem ser determinantes, para novos elementos de veracidade das exportações de Portugal para os continentes europeu e americano.

Depois de cem anos passados, após o início da recuperação dos mármore do maciço de Borba-Estremoz-Vila Viçosa, é importante reaver todo um percurso da nossa indústria, exploradora, transformadora e de cantaria, numa retrospectiva sobre a sua resiliência.

Fica aqui o desafio, procuraremos a partir de um conjunto identificado com nomes de agentes e entidades do comércio, proporcionar outras áreas da investigação, com o contributo da história económica, determinante para o seu conhecimento.

Como escreveu Emidio Amaro em 1928: “Os mármore desta privilegiada região alentejana, já hoje representam uma riqueza imensa, mas podem tornar-se, dentro de poucos anos, se o Estado quizer, uma riqueza muito maior, incomensurável, factor importantíssimo para o equilíbrio da nossa depauperada situação económica”.⁵³ E nós também concordamos, certamente nos ajudará a posicionar no futuro o comércio dos mármore alentejanos nos mercados mundiais.

Fontes documentais, bibliografia e webgrafia

Fontes documentais – Imprensa periódica

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Bahia, para o ano de 1860. Tomo I. Bahia: Typographia de Camilo de Lellis Masson & Ca, 1860.

Almanach Administrativo, Comercial e Industrial da Província de S. Paulo, para o ano de 1888: S. Paulo, Jorge Sckeler & Comp., 1888.

⁵³ Emídio Amaro, *op. cit.*, 1928.

Os mármore portugueses na América latina: exportação e agentes comerciais (1850-1945)

- Almanak Laemmert, *Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, para o ano de 1891*. Rio de Janeiro: Companhia Typographica do Brazil, 1891.
- Almanach Ilustrado do Brasil – *Portugal para o ano de 1903*. Lisboa: Redacção do Brasil – Portugal, 1903.
- Anuário Commercial, Industrial, Agrícola, Profissional e Administrativo da República dos Estados Unidos do Brasil, ano 1922-1923. Rio de Janeiro: Oficinas Typographicas do Almanak Laemmert, 1922, vol. I.
- Boletim da Direcção Geral da Indústria, volume I, n.º 37. 1938-05-25, p. 536.

Fontes documentais – Legislação

- Decreto com força de Lei de 31 de Dezembro de 1852*. Diário do Governo n.º 2 de 3 de Janeiro de 1853.
- Decreto de 6 de Março de 1884*. Diário do Governo n.º 57 de 11 de Março de 1884. Regulamento sobre a lavra de pedreiras.
- Portaria de 17 de Agosto de 1889*. Diário do Governo n.º 185 de 20 de Agosto de 1889.
- Decreto de 13 de Abril de 1892*. Diário do Governo n.º 94 de 28 de Abril de 1892.

Fontes escritas – outras

- Société Anonyme Merbes – Sprimont, Bruxelles*, J. Rozez, 1928.

Bibliografia

- Amaro, Emídio. «Riquezas do Alentejo, A exploração dos Mármore em Vila Viçosa». Vila Viçosa: *Revista Portuguesa*, 1928-01.
- Bastos, Celina. “A família Déjante: a marcenaria e a indústria dos mármore no Portugal de Oitocentos”. In. *Revista de Artes Decorativas* 3, n.º 3. 2009, pp. 160-165.
- Castilho, Alexandre Magno de e António Xavier Rodrigues Cordeiro. *Almanach Luzo-Brazileiro para o Ano de 1863*. Lisboa: Typographia da Sociedade Typografica Franco-Portuguesa, 1863, p. 325
- Grangeia, Mario Luís. *Memórias e Direitos na Imigração Portuguesa no Brasil do Século XX*. História (v. 36 e16). São Paulo, 2017, pp. 1-20.
- Lobo, Eulalia Maria Lahmeyer. *Imigração portuguesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2001.
- Mata, Maria Eugénia. *As finanças públicas portuguesas da Regeneração à Primeira Guerra Mundial*. Lisboa: Banco de Portugal, 1992, pp. 274-275.
- Matos, Ana Cardoso de e Armando Quintas. “A Afirmção do mármore alentejano em contexto nacional e internacional (do século XVIII a 1945). In *Mármore 2 000 Anos de História. A evolução industrial, os seus agentes económicos e a aplicação na época Contemporânea*, Ana Cardoso de Matos e Daniel Alves (coord.). Lisboa: Teya Editores e Centro de Estudos Cechap, 2019, pp.13-120.

- Matos, Maria Izilda Santos de. “Imigração portuguesa em São Paulo: perspectivas e possibilidades de investigação”. In *A emigração portuguesa para o Brasil*. (F. de Sousa; I de L. Martins; C. M. Pereira (orgs.) Porto: CEPESE / Afrontamento, 2007, pp. 291-304.
- Quintas, Armando. “Os mármore do Alentejo em perspectiva histórica: de meados do século XIX a 2020”. In *História e Economia, Revista Interdisciplinar*, (vol. 23), n.º 2. Instituto BBS, 2019, pp. 93-116.
- Quintas, Armando e Alexandre Ramos. “Visual Memories of the Marble Industry: Using Cinema and Photography in Mining Heritage Studies”. *ICON*, (vol. 25), 2020, pp. 96-109.
- Quintas, Armando e Ana Cardoso de Matos. “Objectos técnicos da extracção de mármore”. In *À Descoberta do Ouro Branco, Caderno Patrimonial, Ciência e Mármore n.º 2*, Carlos Filipe (coord.). Vila Viçosa: Centro de Estudos Cechap, 2022, pp. 13-17.
- Ramos, Rui. «A Crise». In *Portugal Contemporâneo*, António Reis (dir.). Lisboa: Publicações Alfa, 1990, p. 166.
- Ribeiro, Maria Manuel Tavares. “Vivências das Crises. Vencer a Crise”. In *Tratados do Atlântico Sul. Portugal-Brasil, 1825-2000*. Coleção Biblioteca Diplomática do MNE – Série A. Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros, 2006, p. 150.
- Santos, Paula Marques. “As Relações Portugal-Brasil na primeira metade do século XX (1910-1945)”. In *História de Portugal*, (vol. 6). Lisboa: Publicações Alfa, José Hermano Saraiva (dir.). 1985, pp. 135-165.
- Serrão, Joel. *A emigração portuguesa: sondagem históricas*. (4.ª ed.). Lisboa: Livros Horizonte, 1982.
- Silva, Zenaide Carvalho. *O Lioz Português. De lastro de navio a arte na Bahia*. Lisboa: Edições Afrontamento, 2007.
- Sousa, Carlos Alexandre. “As primeiras tentativas contemporâneas de regulamentação: de 1850 a 1892”. In *Mármore, Património para o Alentejo: contributos para a sua História (1850-1986)*. Vila Viçosa: Centro de Estudos CECHAP, 2015-06, pp. 23-43.

Webgrafia

<https://www.hemagra.uevora.pt>
<https://www.marmore-cechap.pt>
<https://www.marmore-cechap.pt/data/5051/Sousa%2520Baptista>
<https://www.marmore-cechap.pt/data/3501/Sousa%2520Baptista>

Anexos



Figura 1 – CECHAP-PHIM. Descrição: em cima o motorista; ao centro um presumível empresário brasileiro; no lado direito atrás Alfredo dos Anjos; no lado direito em baixo Manuel Filipe. Desconhecemos o lugar e data, segundo informações talvez em Nossa Senhora da Lapa no interior da Baía no Brasil.



Figura 2 – CECHAP-PHIM. Cartão de visita de Manoel Filipe.



Figura 3 – CECHAP-PHIM. Cartão de visita de *Serraria e Officina de Marmores*.



Figura 4 – CECHAP-PHIM. Cartão de visita de *Ramos & Diniz*.



Figura 5 – CECHAP-PHIM. Cartão de visita de Souza Baptista.



Figura 6 – CECHAP-PHIM. Cartão de visita de José Floriani Filho.



Figura 7 – CECHAP-PHIM. Publicidade: Marmoraria Central.

54 NOTABILIDADES

À CORÔA DE LOURO
35 RUA D'AJUDA 35

MARMORES DE CARRARA MARMORES DE LISBOA, ETC.



ESTABELECIMENTO DE OBRAS DE MARMORES

BLAS CRESPO GARCIA
SUCESSOR DE
JOSÉ BENITO GARCIA

Nesta casa aprumta-se com toda a brevidade e perfeição e por preços razoáveis qualquer obra concernente á profissão de Marmorista como sejam:

tumbos, lapides com letras em relevo ou gravadas, e ornatos (pias baptismaes) grades, escadas, balaustras, columnas e toda a obra de torno.

Encarrega-se de executar qualquer trabalho á vista de desenhos para frente e interior de igrejas, palacetos e predios, etc., etc.

O annuario da casa de receber um bonito e completo sortimento de Figuras de diversos tamanhos e gostos, assim como, marmores de diversas medidas e qualidades.

Recebem-se encomendas para importação de tudo relativo ao negocio, por estar em correspondencia com as principaes casas importadoras de marmores para este paiz.

Encarrega-se de assentar tudo em seus lugares, nesta cidade e subarbios.

35 RUA D'AJUDA 35
Casa de tres portas em frente á rua de Santo Antonio
RIO DE JANEIRO.

Figura 8 – CECHAP-PHIM.
Publicidade: Blas Crespo Garcia.

Industriales e Profissionais do Brazil

GRANDE OFFICINA DE MARMORES
Fundada em 1861
PELO ARTISTA

JOAQUIM PEREIRA DA MOTTA
181 Rua de S. Pedro 181

E' nesta grande officina de marmore que se tem executado as primeiras obras nesta capital, assim como no interior com o seio: capellas, mausoleos, e obra de igrejas

Tem sempre em seu estabelecimento pedras para sepulturas ornamentadas em baixo e alto relevo, estatuas, pias para baptismo, ditas para sala de jantar, ladrilhos e pedras para mobílias.

Encarrega-se de todos os trabalhos e fornece os desenhos para serem escolhidos (art. 702)

CARLOS JOFFERT & C.

Importadores e exportadores de farinha de trigo, farello, farellinho e remoido

60, Rua 1.º de Março, 60
(1.º Andar)
art. 501 660

Sá, Guimarães & C.
NEGOCIANTES DE AGUARDENTE, ESPRITO E MEL
ESTABELECIDOS NO
ANTIGO TRÁFICO NOVO-PORTO
26, Rua da Saúde, 26
ESCRITÓRIO A
82, RUA DE S. PEDRO, 81
RIO DE JANEIRO
art. 466-666-800
1895

Figura 9 – CECHAP-PHIM.
Publicidade: Joaquim Pereira da Motta.

Os mármorees portugueses na América latina: exportação e agentes comerciais
(1850-1945)



Figura 10 – CECHAP-PHIM.
Publicidade: A. P. de Almeida & Malheiros.



Figura 11 – CECHAP-PHIM.
Publicidade: Antonio Alves Barbosa.

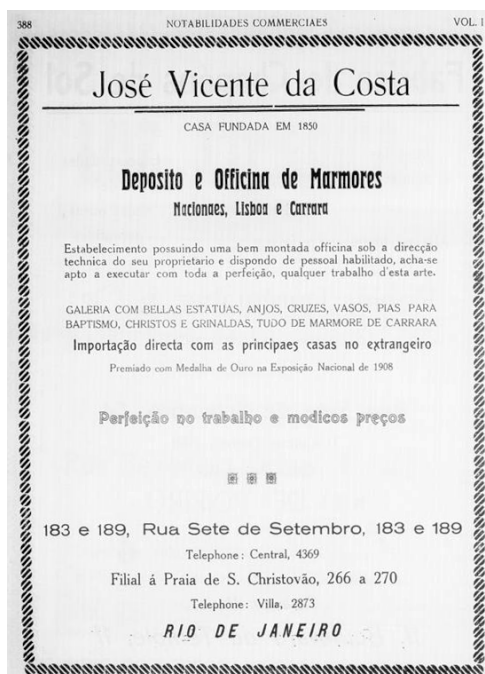


Figura 12 – CECHAP-PHIM. Publicidade: José Vicente da Costa.

